

## CRIANÇAS, INFÂNCIAS E PEQUENAS CIDADES: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

*CHILDREN, CHILDHOOD AND SMALL TOWNS: WHAT DOES THE RESEARCH SAY?*

*NIÑOS, INFANCIAS Y PEQUEÑAS CIUDADES: ¿QUÉ DICEN LAS INVESTIGACIONES?*

Maria Carmen Silveira Barbosa <sup>1</sup>

Vânia Aparecida de Lima Borges Kirchheim <sup>2</sup>

Elaine Regina Alegre Henriques <sup>3</sup>

Código DOI

### Resumo

Este estudo tem como objetivo central identificar as pesquisas que abordam a relação entre as crianças, as infâncias e as cidades pequenas, por meio de mapeamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, entre os anos de 2000 a 2024. A partir da reflexão sobre os conceitos citados, procurou-se sistematizar as informações sobre o tamanho das cidades que vêm sendo privilegiadas e categorizou-se entre as relações mais significativas as seguintes temáticas: a cidade como lugar de memórias, lugar educativo, de culturas, do habitar e de políticas públicas para a infância. Nas pesquisas analisadas, as singularidades dos contextos foram problematizadas, demonstrando que as experiências das crianças nas cidades pequenas são diferentes das cidades grandes e metrópoles e estas, também diferentes entre si; foi percebida a importância de oferecer maior visibilidade às crianças pequenas e suas infâncias, especialmente com metodologias participativas, na temática urbana.

**Palavras-chave:** Infância. Criança. Pequenas cidades. Cidade Educadora. Pesquisa.

### Abstract

*This study aims to identify researches that addresses the relationship between children, childhood, and small cities through a mapping conducted in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations between 2000 and 2024. Based on reflections on the aforementioned concepts, the study sought to systematize information about the size of the cities that have been prioritized and categorized the most significant relationships into the following themes: the city as a place of memories, an educational space, a space of cultures, a place of habitation, and a space for public policies for childhood. The analyzed research problematized the uniqueness of different contexts, demonstrating that children's experiences in small towns differ from those in large cities and metropolises, which also vary among themselves. The*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil Email: [licabarbosa@ufrgs.br](mailto:licabarbosa@ufrgs.br) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3416-4914>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil Email: [vaniakirchheim4@gmail.com](mailto:vaniakirchheim4@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1454-7311>

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil Email: [elalegre@gmail.com](mailto:elalegre@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2439-5579>

*study highlighted the importance of giving greater visibility to young children and their childhoods, especially through participatory methodologies in urban studies.*

**Keywords:** Childhood. Child. Small towns. Educating City. Research.

### **Resumen**

*Este estudio tiene como objetivo central identificar las investigaciones que abordan la relación entre los niños, las infancias y las ciudades pequeñas, a través de un mapeo realizado en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones, entre los años 2000 y 2024. A partir de la reflexión sobre los conceptos mencionados, se buscó sistematizar la información sobre el tamaño de las ciudades que han sido privilegiadas y se categorizaron entre las relaciones más significativas las siguientes temáticas: la ciudad como lugar de memorias, lugar educativo, de culturas, del habitar y de políticas públicas para la infancia. En las investigaciones analizadas, se problematizaron las singularidades de los contextos, demostrando que las experiencias de los niños en las ciudades pequeñas son diferentes de las de las ciudades grandes y metrópolis, y estas también son diferentes entre sí; se percibió la importancia de ofrecer mayor visibilidad a los niños pequeños y sus infancias, especialmente con metodologías participativas en la temática urbana.*

**Palabras clave:** Infancia. Niño. Pequeñas ciudades. Ciudad Educadora. Investigación.

### **Introdução**

Nos últimos anos, vários estudos sobre a relação entre infância e cidade vêm sendo realizados no Brasil e no mundo. Essas pesquisas tratam dos usos de espaços públicos, os modos e as possibilidades de deslocamento, a presença nas praças, a participação em exposições de arte, entre outros temas. Posto assim, e considerando a importância de investigar o diálogo entre os temas nas pesquisas, nosso grupo de estudos buscou compreender de que modo esses trabalhos têm retratado essa relação, tendo um interesse especial nas investigações envolvendo pequenas cidades<sup>4</sup>.

Partindo desse enfoque, este artigo tem como objetivo central identificar os estudos (2000-2024) que abordam a relação entre as crianças, as infâncias e as cidades pequenas. Para configurá-lo foram definidos alguns objetivos específicos, que contemplam refletir sobre os conceitos de crianças, de infâncias e de cidades pequenas; sistematizar as informações sobre o tamanho das cidades que vem sendo privilegiados nos estudos sobre as infâncias; categorizar quais os enfoques temáticos das pesquisas sobre as crianças, as infâncias e as cidades pequenas, construindo seu lugar nas pesquisas.

---

<sup>4</sup> Mikripoli é uma Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades e Localidades que muito nos ajudou a compreender os desafios enfrentados sobre as cidades pequenas brasileiras.

### **Crianças, infâncias e as cidades**

Assim como as cidades e o trabalho, a infância e a escola têm os seus marcos com o surgimento da modernidade: ambos emergem junto à sociedade burguesa sob a luz dos ideais liberais. Uma cidade que abrigava tanto a elite econômica da classe emergente quanto a orla concentrada de mão de obra operária vai inventar a concepção de infância, que diferencia o ser humano criança do ser humano adulto. Inicialmente, as crianças chegavam nas cidades e, como seus pais, seguiam para as fábricas. A mortalidade infantil, bem como o movimento operário e as lutas das mulheres, juntamente com o surgimento de diversas instituições, públicas e privadas criadas na cidade, modificaram as relações sociais, transformando a família extensa em nuclear, outorgando meios para desenvolver, socializar e moldar essa criança, agora vista, para atender expectativas futuras. A escola, a creche e os jardins de infância passam a ter como tarefa educar a massa desde a tenra idade, forjando um proletariado servil, obediente e eficiente para gerar riqueza para os donos do capital.

Segundo Barbosa (2007, p. 1061), desde o início da modernidade e até hoje, grande parte da população foi alfabetizada de forma obrigatória como uma exigência de ingresso no mundo do trabalho ou motivada pelo lugar de redenção pessoal, especialmente religiosa. A mesma autora aponta que, nesse modo de domesticação de mentes e corpos, a escolarização pode ser vista como um processo de “colonização”.

É apenas após a primeira guerra mundial que a infância começa a ser vista politicamente e a criança é considerada um sujeito que possui direitos próprios, diferenciando-se dos adultos, pessoas que não podem ir para a guerra, que não devem trabalhar, mas estudar. Essa diferenciação faz com que as primeiras cartas de direitos das crianças comecem a ser difundidas.

Porém, é a partir da pesquisa seminal de Philippe Ariès (1986) acerca da história social da família e da criança que desvela a infância enquanto uma categoria social a ser estudada em sua especificidade. Este estudo abriu espaço nas ciências humanas e sociais para a emergência do Campo dos Estudos Sociais da Infância, que aportam contribuições significativas principalmente no que tange aos processos de socialização.

A partir daí a infância começa a ser conceitualizada não mais por uma condição idílica, mas também concreta, atravessada por relações de classe, gênero, idade, etnia, local onde nasce e vive, entre outros.

Seu lugar, espaço geográfico e território, afetam e constituem modos de ser e agir no mundo, o que institui culturas próprias, *as culturas infantis*, a partir das relações com as sociedades em que vivem. As diversas socializações humanas produzem possibilidades para a articulação de diferentes modos de vivência e configuração da infância.

Sob a luz da modernidade, as cidades não foram planejadas para todas as pessoas. O desenvolvimento urbano nunca foi indistinto das lógicas de apropriação do espaço pelas classes dominantes e nem pelas suas lógicas de acumulação e apropriação de recursos, bem como de disponibilização para as relações de troca (Harvey, 2009 apud Sarmiento, 2018). Complementando, Sarmiento afirma que “[...] as cidades foram organizadas com espaços exclusivos e espaços de exclusão” (2018, p. 235). Todas essas transformações na sociedade, nos modos de habitar e vivenciar as cidades, nas novas configurações de moradia e mobilidade, nas relações da família e do trabalho, atravessam a infância, alterando seus ritmos, suas interações, suas experiências e afetando a vida e o destino das crianças.

As pequenas cidades são maioria no espaço geográfico do Brasil, locais onde as crianças brasileiras, por sua vez, vivem majoritariamente. Em termos mundiais, já é possível afirmar que a experiência da infância se torna cada vez mais urbana (UNICEF, 2012). Sendo assim, pensar meios para garantir o direito das crianças à cidade é pauta emergente. Sarmiento (2018), pela lente da Sociologia da Infância, olha para essa relação de forma dialética, equacionando entre restrições e possibilidades.

No encontro da Geografia com a Infância, suas lentes conjugadas podem amplificar a compreensão de como as crianças habitam a cidade e como essa pode ser também constituída de/para as culturas infantis. De acordo com Lopes (2013), a década de 70 tem um importante acúmulo de trabalhos envolvendo crianças e suas espacialidades, referendados pela Geografia Humanística. Nesse movimento emerge a Geografia da Infância, que entrecruza-a na espacialização da vida com os recortes de gênero, idade e condição econômica, buscando compreender como “[...] meninos e meninas de diferentes idades e pertencentes a diferentes estratos sociais concebem, percebem e representam seus espaços” (Lopes, 2013, p. 289). Ainda de acordo com o autor, referência importante nessa área de pesquisa e que tem sua formação na interface entre Geografia e Educação: “[...] localizar, mapear, descrever e interpretar essas infâncias são também pontos pertinentes aos estudos da Geografia” (Lopes, 2013, p. 291).

Edificar um território urbano, segundo lógicas de inclusão e sustentabilidade, não é inelutável, como nos encoraja Sarmiento (2018). Somando-nos à inspiração do geógrafo Haesbaert (2018, p.13) de

perceber a cidade como” [...] espaço que, não é simples palco ou mediador, externo aos sujeitos, a infância também é componente inerente a cada um de nós tanto na aparente exterioridade de um passado que se foi quanto no convívio coetâneo com todos aqueles que continuam, concretamente, permitindo à vida o seu renascer”.

Assim como a Geografia da Infância, ao longo das últimas décadas, a Antropologia, o Urbanismo, a Sociologia da Infância, entre outros, tem feito intersecções com a Educação e os estudos sobre infâncias. Nessa perspectiva, encontramos em diversos campos de estudos possibilidades para ampliar pesquisas sobre as relações das cidades com suas múltiplas infâncias buscando transpor obstáculos limitadores de vivências dignas e participativas, colaborando assim para construir garantias efetivas ao seu “direito à cidade”.

### **As pequenas cidades, seus desafios e possibilidades**

Esta seção busca discutir sobre os desafios em conceituar pequenas cidades ou cidades pequenas. De antemão, assim como observado pelo geógrafo Junior (2013), também percebemos uma variação da ordem do adjetivo “pequena” ao substantivo “cidade” nas leituras realizadas e, não encontrando um motivo para essa diferenciação, optamos em utilizar a ordem “pequenas cidades” no presente trabalho, porém preservando o termo “cidades pequenas” quando utilizadas nas referências do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim posto, iniciamos a falar de cidade, um tema complexo e diverso, pois não se trata de selecionar um conceito uno que a defina, é muito mais múltiplo do que isso. Sabendo que as cidades nem sempre existiram, trazemos, portanto, uma pergunta para iniciar a discussão aqui pretendida: Como nascem as cidades? Conforme Endlich (2017) apresenta, toda cidade nasceu pequena, mas ela não deve ser confundida com uma aldeia. De acordo com o arquiteto e historiador Benevolo (1999, p. 23) as cidades nascem:

[...] das aldeias, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma [...] quando as indústrias e os serviços já não são mais executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto final.

Diante do exposto, pode-se dizer que a cidade tem como característica central a sua maneira de se organizar e funcionar, muito mais do que com seu aumento de tamanho. Tem profunda relação com sua estrutura econômica, em que existe a oferta e a procura de produtos. Por outro lado, acrescentamos que a cidade também se constitui por sua organização social, como os espaços de trabalho, de moradia, de educação, de saúde e de lazer, por exemplo. Há ainda as que foram planejadas e imaginadas no espaço antes de nascer, essas são consideradas cidades artificiais. De acordo com Posca (2022, p. 4): “[...] os planejamentos urbanos visam projetar a cidade para o futuro, uma vez que as cidades planejadas geralmente são construídas em áreas com grande potencial de desenvolvimento tanto urbano, como social”. Um dos exemplos que podemos trazer aqui é a cidade de Brasília/DF.

Ao falar de cidade, Lefebvre (2001, p. 62, grifo do autor) define-a: “[...] como sendo *projeção da sociedade sobre um local*, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano”. Já o geógrafo brasileiro Milton Santos (2008a, p. 34) traz a cidade e a urbanidade da seguinte maneira: “[...] há duas coisas que estão sendo confundidas gratuita e alegremente, isto é, a cidade e o urbano. O urbano é frequentemente abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há que confundir”. Ele ainda afirma que “a cidade é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com o qual se confunde” (Santos, 2008a, p. 35).

Milton Santos também problematiza os conceitos de espaço geográfico, território e lugar. Para ele, o espaço geográfico pode ser: “[...] considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (Santos, 1997, p. 225). Quanto ao território, o autor nos diz que: “[...] não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; [...] O território é o fundamento do trabalho; o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (Santos, 2008b, p. 14). Por fim, define lugar “[...] como funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (Santos, 2008b, p. 35).

Nosso país é imenso e diverso em toda a sua extensão territorial, diversidade que compreende também variadas configurações de cidades. Apoiados nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de acordo com os dados do último censo (2022), podemos compreender a classificação das cidades, de acordo com o número de habitantes, da seguinte forma: Metrópole (15 cidades do país que

agregam maior número de atividades econômicas, exercendo influência regional, nacional ou internacional); Cidades Grandes (um total de 41, com mais de 500 mil habitantes); Cidades médias (um total de 278, entre 100 e 500 mil habitantes) e Cidades pequenas (totalizando 5.251 até 100 mil habitantes).

Verificamos que, no Brasil, diante do número total de cidades, que é de 5.570, existem 3.935 com até 20.000 habitantes, o que representa, diante do número total de cidades, 70,6%. E se considerarmos aquelas até 100 mil habitantes, temos uma porcentagem de mais de 94%, ou seja, nosso país é predominantemente composto por cidades pequenas.

Mas afinal, o que é uma pequena cidade? De acordo com o geógrafo Fernandes (2018, p. 2): “[...] ainda existe uma grande dificuldade na conceituação das pequenas cidades no Brasil, devido, sobretudo, à quantidade, à diversidade e à proximidade delas com o meio rural, gerando uma complexa confluência entre o urbano e o rural”.

Existem, segundo o autor (2018), três grupos que as compreendem em distintas quantidades de número de habitantes. Um considera aquelas até 20 mil habitantes, outro aquelas até 30 mil habitantes e outro que ainda considera como pequena aquelas cidades de até 50 mil habitantes, o que conforme Fernandes (2018, p. 17-18):

No entendimento sobre a conceituação de pequena cidade, o primeiro aspecto que se destaca é o quantitativo, ou seja, o patamar mínimo e máximo de habitantes para a cidade ser considerada pequena. Evidentemente, não existe uma teorização geral que seja adequada para a realidade de todos os países [...]. Em alguns países extensos, como o Brasil, a conceituação e a classificação das pequenas cidades variam de um Estado para o outro e até entre as regiões de um mesmo Estado.

Ele também defende um maior debate sobre as pequenas cidades nas pesquisas acadêmicas, já que o urbano também é formado por elas e não somente pelas regiões metropolitanas: “[...] as políticas públicas, a imprensa e a sociedade em geral devem destacar as pequenas cidades no intuito de demonstrar sua expressiva quantidade, diversidade e, principalmente, seus problemas” (Fernandes, 2018, p. 14).

Assim sendo, diante das discussões trazidas nessa seção, é possível compreender a grande diversidade de espaços geográficos em nosso país e o quanto isso deveria ser considerado nas pesquisas

quando se fala em cidade(s), em urbano(s), em rural(is). Uma cidade pequena só poderá se desenvolver de maneira mais assertiva quando olhamos para as suas especificidades.

### Conhecendo os estudos

Nos meses de abril e maio de 2024 realizamos uma pesquisa na plataforma BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), com o recorte temporal de vinte e quatro anos, entre os anos de 2000 a 2024, utilizando-se da combinação dos descritores infância *AND* cidade, na busca simples, com o objetivo de selecionar, através da leitura dos títulos, pesquisas que abordassem os dois temas de modo geral. Não foram utilizados filtros para nenhuma área do conhecimento, pois tínhamos como objetivo ampliar as pesquisas para além da área da educação<sup>5</sup>. Posteriormente, foi realizada uma leitura atenta dos resumos, considerando como critérios a infância e a pequena cidade. Para a seleção desse último foi levada em consideração a classificação do IBGE, no que concerne até 100 mil habitantes.

Para o recorte temporal, foram feitas quatro subdivisões para melhor visualização das informações e para possíveis comparações de dados: 2000-2006; 2007-2012; 2013-2018; e 2019-2024. Nesta busca inicial obtivemos 1.831 trabalhos, sendo 129 de 2000-2006, 413 de 2007-2012, 699 de 2013-2018 e 566 de 2019-2024.

Por meio da leitura dos títulos dos trabalhos, ou seja, daqueles que sugerem uma abordagem da temática, encontramos oito no período 2000-2006, 13 de 2007-2012; 31 em 2013-2018, 29 de 2019-2024, totalizando 81 trabalhos. Posteriormente, foi realizada a leitura dos resumos, sendo consideradas nessa etapa apenas as pesquisas realizadas em cidades pequenas e, também, nesta mesma seleção, aquelas que abordavam a infância de crianças de 0 até 12 anos<sup>6</sup>, assim como consideramos a infância em trabalhos que não definiram esse recorte de idade claramente em suas pesquisas, mas que se enquadraram no critério de pequena cidade. Restaram então sete estudos que contemplavam os descritores infância *AND*

---

<sup>5</sup> Apareceram na busca: Educação; Educação Ambiental; Educação e Novas Tecnologias; Educação: História, Política, Sociedade; Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais; Educação, Arte e História da Cultura; História; Antropologia; Antropologia Social; Memória Social e Patrimônio Cultural; Psicologia Social e Institucional; Psicologia social; Arquitetura e Urbanismo; Arquitetura; Desenvolvimento Urbano; Cidades Inteligentes e sustentáveis; Estudos Urbanos e Regionais; Desenvolvimento e Meio Ambiente; Geografia; Geografia Humana; Sociedade e Cultura; Artes; Teologia; Direitos Humanos; Administração.

<sup>6</sup> Conforme o ECA, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Art. 2º, “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

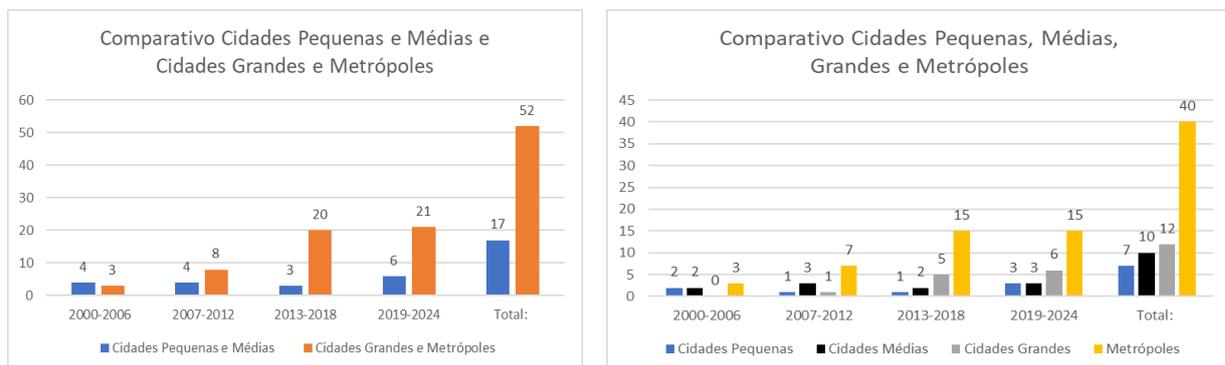
cidade, cujos grupos de recorte temporal ficaram assim organizados: dois de 2000-2006, um de 2007-2012, um de 2013-2018 e três de 2019-2024<sup>7</sup>.

As categorias de análises quantitativas serão explicitadas a seguir.

### O que nos dizem as pesquisas

- *Comparativo entre as cidades* - Nesse movimento de seleção buscamos comparar, quantitativamente, quantas cidades pequenas e médias foram selecionadas para o estudo em contraste com as demais (grandes e metrópoles), de acordo com os dados do IBGE. Também foi realizado um comparativo pelos tamanhos das cidades.

**Figuras 1 e 2** - Quantidade de pesquisas realizadas, em cada recorte temporal, segundo tamanho da cidade



Fonte: organizado pelas autoras.

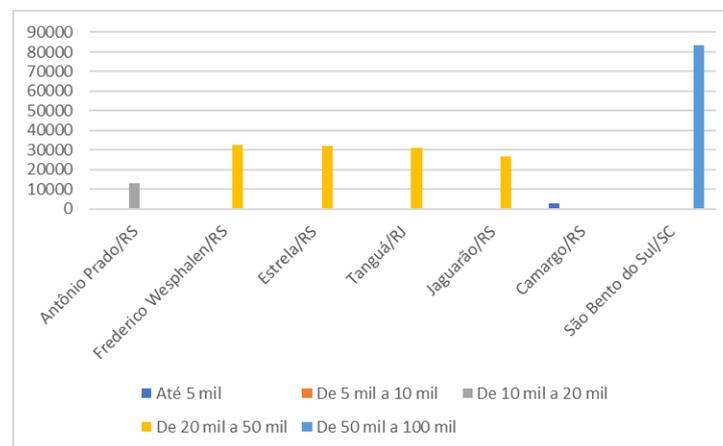
É possível perceber que no primeiro recorte do grupo temporal 2000-2006 havia uma diferença mínima entre as cidades pequenas e médias em relação às cidades grandes e metrópoles. No entanto, com o passar dos anos, essa diferença aumentou visivelmente. Isso ocorreu pois, de acordo com os dados obtidos, as pesquisas em metrópoles sempre estão se sobressaindo às demais. Observamos no gráfico (Figuras 1 e 2) em que apresentamos separadamente cada tamanho de cidade um constante crescente

<sup>7</sup> Após o período do mapeamento, foi publicada a pesquisa de doutorado de Joelma Andreão de Cerqueira intitulada “As infâncias em Alegre (ES): a circulação e o brincar de crianças em uma cidade pequena” orientada pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Levindo Diniz Carvalho. Trabalho que analisa como as crianças moradoras de uma cidade pequena, Alegre (ES), circulam e se apropriam dos espaços públicos. Trazendo elementos que se aproximam da produção realizada neste artigo, especialmente no que tange a visibilidade das singularidades de crianças pequenas e cidades pequenas.

das pesquisas em metrópoles, a cada grupo do recorte temporal: três de 2000-2006, sete de 2007-2012, 15 de 2013-2018 e 15 de 2019-2024.

Também verificamos, dentro da classificação de cidade pequena, no recorte temporal de 2000-2024, como está a distribuição dos habitantes das sete pesquisas selecionadas. Para isso, fizemos uma subdivisão dos números de habitantes: até 5 mil; de 5 a 10 mil; de 10 a 20 mil; de 20 a 50 mil; de 50 a 100 mil, conforme figura abaixo:

**Figura 3** - Número de habitantes das cidades pequenas

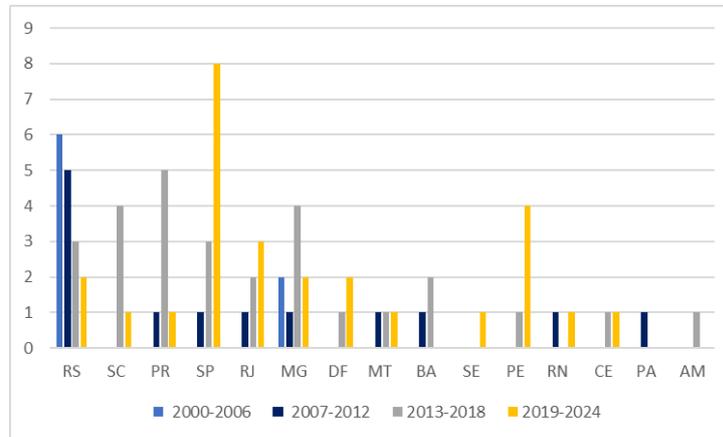


**Fonte:** organizado pelas autoras

Aqui é possível perceber que existem cinco cidades pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul, enquanto uma de Santa Catarina e uma do Rio de Janeiro. Conforme classificação do IBGE, que abrange uma larga quantidade de habitantes, temos um leque numérico que vai de 2.981 até 83.277 pessoas. Isso reforça as dificuldades encontradas durante a realização da pesquisa, já que essa amplitude impede a compreensão das especificidades como a que buscamos aprofundar no conhecimento sobre as cidades pequenas.

● *Estados que aparecem nessas pesquisas* - Para essa compreensão, podemos iniciar com a seguinte questão: em quais estados vêm sendo pesquisados infância e cidade?

**Figura 4 – Estados do Brasil**



**Fonte:** organizado pelas autoras.

Diante dos dados obtidos<sup>8</sup>, apareceram 15 Estados brasileiros no mapeamento. Desses, observamos que no primeiro grupo do recorte temporal 2000-2006, o Rio Grande do Sul foi o que mais se dedicou a investigar o tema; porém, verificamos uma gradual diminuição do número das pesquisas nesse mesmo estado. No mesmo recorte de tempo, apenas o estado de Minas Gerais também apresenta estudos.

Outro aspecto constatado pela análise é o crescimento expressivo de estudos realizados pelo Estado de São Paulo: no último grupo de recorte temporal 2019-2024 é o local que mais vem sendo investigado nessa temática e vem apresentando um crescimento bem expressivo nesses 24 anos, se comparado com os demais estados, especialmente nos últimos seis anos. É possível perceber também que nas regiões sul e sudeste estão os estados que mais apresentam pesquisas envolvendo infância e cidade. Já na região nordeste aparece o Estado de Pernambuco como sendo o que mais realizou pesquisas nos últimos seis anos.

<sup>8</sup> Importante informar que no grupo temporal de 2013-2018 não foi contabilizada no gráfico uma pesquisa que contemplou dois estados ao mesmo tempo (SP e RS). Também há um outro estudo que traz uma cidade de Portugal e outra de Minas Gerais. Por ambas as pesquisas trazerem dois contextos, optamos por não colocá-las no gráfico, bem como uma outra pesquisa que, apesar de ser selecionada na primeira etapa, estava inacessível na plataforma, não sendo possível compreender qual cidade e estado contemplava, totalizando três trabalhos excluídos dos dados. Já no grupo de recorte temporal de 2019-2024, uma pesquisa, apesar de tratar sobre o tema cidade e infância, não se realiza em uma cidade e acabou sendo desconsiderada no gráfico.



**educativo** - 2 pesquisas; *Cidade como lugar de Culturas* - 1 pesquisa; *Cidade como lugar do habitar* - 1 pesquisa; *Cidade como lugar de políticas públicas para a infância* - 1 pesquisa.

### **Cidade como lugar de memória**

A partir das nossas escolhas de recorte e dentro do período 2000 a 2024, a primeira pesquisa a tratar sobre infância e cidade pequena no Brasil foi a dissertação *Lembranças de infâncias: narrativas entrelaçando espaços-tempos na cidade de Antônio Prado*, de Neusa Maria Roveda Stimamiglio, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, publicada em 2005, sob orientação da professora Dra. Maria Carmen Silveira Barbosa. Encontramos também na categoria a cidade como lugar de memória, a pesquisa intitulada *Um olhar no passado: memórias de infância em Tanguá*, de Carla da Luz Rodrigues Cardoso, em 2017, que traz, assim como a outra, as memórias de infância de idosos sobre suas pequenas cidades.

A pesquisa de Cardoso (2017, p. 6) inter-relaciona a educação infantil na busca por compreender a relação entre a cidade analisada e as crianças ao longo de sua história, utilizando-se da História de vida, tendo como fonte o discurso oral. Indo além, ela questiona a “importância da recuperação das memórias de vida dos velhos<sup>9</sup> moradores da cidade para o trabalho com a educação infantil”. Já a pesquisa de Stimamiglio (2005), por meio da metodologia da História oral, aborda um espaço não escolar e infâncias plurais, sem especificar, no entanto, recorte temporal da infância. Seu estudo marca o tempo dos primeiros 60 anos do século XX da cidade de Antônio Prado/RS, abordando os fatos históricos da cidade e suas mudanças no espaço.

Como principais constatações, Stimamiglio (2005) reforça a importância do espaço nas experiências dos depoentes e o quanto o lugar e o tempo em que foram ocupadas essas infâncias influenciaram suas vidas, observadas a partir das diferenças entre as memórias das crianças da cidade, da colônia e as das crianças negras. Já Cardoso (2017) identificou como importante a integração entre os velhos moradores com as crianças da Educação Infantil. Para ela, “são necessários programas para que velhos e crianças possam exercer atividades coletivas na Educação Infantil e, assim, as crianças tenham

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por Cardoso (2017, p. 35), pois o autor acredita “que os atuais títulos conferidos àqueles que envelheceram deslocam a discussão para a questão da longevidade e o que esta pesquisa busca é analisar a função social do velho e o valor de suas memórias para a sociedade”.

garantido o seu direito à cultura e à cidade” (Cardoso, 2017, p. 83). Assim sendo, as pesquisas apresentam possibilidades de estudos que envolvem a infância e a cidade, sendo uma voltada ao espaço escolar da educação infantil e a outra voltada aos espaços da cidade.

Percebemos que a memória da cidade é um tesouro que precisa ser preservado, mas não escondido. Diante disso, Bosi (1994, p. 18) nos diz sobre a importância que as pessoas de mais idade têm, sendo que, para ela, “a função social do velho é lembrar e aconselhar [...]. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos”. Isso demonstra o quanto essas pesquisas aqui relatadas vão de encontro a essa perspectiva da pressa e do capitalismo. E do quanto nossas cidades precisam, de modo geral, acolher mais esse grupo geracional em vários aspectos, sendo que escutá-los também compreende pensar possibilidades de uma cidade boa para todos.

### **Cidade como lugar educativo**

Encontramos duas pesquisas em recortes temporais diferentes que investigam a infância na cidade pelo seu potencial educativo. Embora elas não façam parte da Associação Internacional das Cidades Educadoras - AICE<sup>10</sup>, as autoras trouxeram em seus trabalhos referências desse movimento iniciado na Europa no final do século XX. Na dissertação intitulada *Educação e cidadania na perspectiva da cidade educadora: uma proposta para Frederico Westphalen*, de Ophelia Sunpta Buzatto Paetzold (2006), o objetivo é “[...] analisar e divulgar a Cidade Educadora como uma nova dimensão da Educação e refletir sobre a construção da cidadania, como processo que permite ao indivíduo tornar-se cidadão” (Paetzold, 2006, p. 6). A metodologia consistiu-se através da pesquisa participante, por meio de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, questionários, registro em diário de campo e análise documental, em que resultou na “obtenção da relação e análise dos projetos, políticas e ações em andamento em Frederico Westphalen, especialmente voltados às crianças de zero (0) a seis (6) anos” (Paetzold, 2006, p. 19-20).

A autora discute, dentro da perspectiva da Cidade Educadora, que as pessoas não são somente educadas nos espaços formais (como as escolas, por exemplo), mas em todos os espaços da cidade. Ela

---

<sup>10</sup> A AICE, com sede em Barcelona, na Espanha, iniciou-se em meados de 1990 através de reunião com 63 cidades de 21 países. Centenas de municípios compõem o grupo, baseado na carta de princípios de uma cidade educadora que permite a troca de experiências, projetos e ações concretas do mundo inteiro nos diferentes contextos buscando aproximar o cidadão ao seu território.

busca, por meio da condução da pesquisa, justificar a inclusão da cidade de Frederico Westphalen “[...] no movimento de Cidades Educadoras por ter características e potencial voltados à educação, em todos os níveis, enfocando na Educação Infantil forte interlocução com sua comunidade” (Paetzold, 2006, p. 6).

Já em um município de Santa Catarina, a autora Adriane da Silva Schmidt (2022), com sua dissertação nominada *Educação Infantil: práticas inovadoras na contemporaneidade - o direito à cidade com olhares potencializadores da cidadania na infância*, buscou: “[...] compreender de que forma os professores de educação infantil localizados no município de São Bento do Sul - SC percebiam e concebiam a cidade nas suas práticas pedagógicas na relação com a cidade que educa” (Schmidt, 2022, p. 130). Buscando meios para engajar professores e também as famílias através dos movimentos do cotidiano, a autora aborda o conceito de Cidade Educadora, a partir de Edgar Faure (1972) na obra *Aprender a Ser*, que também deu nome ao relatório publicado pela Unesco (1973), sob a coordenação do mesmo autor, em que a ideia de cidade educativa é acolhida como visão prospectiva da educação nos últimos anos do século XX. Com uma metodologia mista, qualitativa e quantitativa, de natureza descritiva, exploratória e aplicada, ela utilizou questionário com questões abertas e fechadas e mapeamento dos arredores das escolas de Educação Infantil observadas em sua pesquisa. Por ser um mestrado profissional, teve também como objetivo geral o desenvolvimento de um livro em formato EPUB, material didático de apoio ao professor de educação infantil de 0 a 6 anos que privilegia a interseção entre educação e cidade. Schmidt (2022, p. 130) conclui que dentro das práticas inovadoras elaborou proposta para “[...] ampliação dos espaços de formação dos sujeitos pelos conceitos de territórios de aprendizagem - a cidade como objeto de conhecimento”.

Ambas as pesquisas demonstram em seus percursos de investigação e análise a cidade como potente lugar educativo que favorece estratégias de aprendizagens no uso do espaço público e colabora tanto com o desenvolvimento integral das crianças quanto com a sociabilidade da vida urbana.

### **Cidade como lugar de culturas**

Na única pesquisa selecionada no recorte temporal de 2007 a 2012, *Pés descalços e tênis, carroça e carro, boneca de pano e computador, entre o rural e o urbano: experiências num entrecruzar de infâncias*, dissertação de Ticiane Elisabete Horn (2010) realizada no município de Estrela/RS, traz a cidade como lugar de encontro de culturas, investigando através das narrativas infantis as suas “visões e versões que as

crianças têm sobre o meio rural e urbano [...], buscando entender suas formas de falar, narrar, expressar para refletir sobre o quanto a polifonia de discursos sobre o que é rural e urbano reverbera em seus modos de pensar” (2010, p. 24).

A autora relata que criou ferramentas de pesquisa ao longo da investigação, propondo um intercâmbio de materiais e um conjunto de estratégias de comunicação entre as crianças “rurais” e “urbanas”, como autorretratos desenhados, fotografias, postais e vídeos. Argumentando acerca da relevância da contribuição das crianças e elegendo instrumentos que evidenciam sua participação, ela afirma que “[..] as produções verbais e visuais das crianças, as formas delas se expressarem, falarem, narrarem sobre si e sobre os outros através de outras linguagens, foram as referências principais desta investigação” (Horn, 2010, p. 60). Dentre suas considerações finais, está a percepção de que, “[...] a partir do intercâmbio dos materiais entre as crianças “rurais” e “urbanas”, algumas concepções que os diferentes grupos tinham um sobre o outro foram se modificando” (Horn, 2010, p. 08).

Essa pesquisa nos ajuda a refletir sobre a produção de cultura na e da cidade pelos seus habitantes, incluindo e respeitando também as crianças como sujeitos ativos. E também, fomenta a discussão sobre o que é rural e o que é urbano, conceitos e reflexões ainda mais imbricados nas cidades pequenas.

### **Cidade como lugar do habitar**

No trabalho intitulado *Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS*, de Fladiane Nunes Teixeira (2019), o mito da não violência em cidades pequenas é revelado na escolha do bairro pesquisado que, de antemão, figurava conotação depreciativa de território de violência. A autora, pela perspectiva da antropologia, compartilha a escrita sobre a cidade como cenário do habitar, percebendo como as pessoas que vivem e interagem nesse urbano, em especial as crianças, o significam e o transformam. Realizando uma pesquisa etnográfica, ela buscou “[...] compreender como se deu a transformação do bairro no tempo e no espaço, para que se possa entender o paradoxo que o cerca, considerando o habitar às margens da cidade, o estigma de lugar violento e a sociabilidade pública que o contempla” (Teixeira, 2019, p. 11).

Teixeira empreende pela antropologia da e na cidade, buscando evidenciar o fato de o bairro estar situado nas margens urbanas e de que intenciona olhar para ele para além de seu espaço territorial, as relações que os sujeitos elaboram “[...] o vivenciar, o habitar o lugar” (Teixeira, 2019, p. 101). Nos caminhos

de sua pesquisa percebe as crianças entre os habitantes do lugar escolhido como agentes importantes para compreender os modos de habitar o espaço urbano, reconhecendo que “[...] elas elaboram o seu sentido para o mundo tendo uma gama de possibilidades a serem escolhidas. O cotidiano das crianças está fortemente ligado entre os espaços da casa, da escola e da rua” (Teixeira, 2019, p. 101). Desse modo, para ela, a rua é vista como um importante espaço público onde pode ser observada a sua diversidade e de seus moradores, propiciando a reflexão sobre “a circulação e a sociabilidade das crianças e dos jovens perante a rua, que se apresenta como um espaço de aprendizagem” (Teixeira, 2019, p. 101).

As cidades pequenas apresentam também uma diversidade de espaços urbanos com amplitude de singularidades e culturas próprias. Olhar atento para esses pequenos espaços singulares e também potentes na profusão de vida urbana, como nos inspira o caminhar de Teixeira (2019) pelas ruas de um bairro, é convite para aproximar-nos dos sujeitos que experimentam e dão sentidos à cidade, que a habitam e a transformam em lugar de múltiplas existências.

### **Cidade como lugar de políticas públicas para a infância**

Uma pesquisa realizada no município de Camargo-RS, situado no noroeste gaúcho, analisa a cidade como cenário para políticas públicas dirigidas à infância. O trabalho de Juliana Venzon, intitulado *Primeira infância melhor: interlocuções com os princípios de uma cidade educadora* (2022), busca mapear os principais marcos legais relativos à primeira infância no Rio Grande do Sul e no país e investigar a trajetória do PIM como política pública e suas interlocuções com os princípios determinados pela carta da AICE, uma vez que “[...] o município passou a fazer parte da Associação Internacional de Cidades Educadoras e isso implicaria pensar e recriar a cidade para viver com qualidade e de forma cidadã, remete, pois, à cidade como território educativo” (Venzon, 2022, p. 19). Para a pesquisa de natureza qualitativa, foi utilizada a coleta de dados e análise documental desde a implementação do PIM no município, em 2006.

No transcorrer do trabalho a pesquisadora evidencia a experiência participativa numa cidade de pequeno porte, onde, segundo ela, a mobilização de pessoas acontece com mais facilidade, “uma vez que as informações chegam com rapidez e de maneira concreta para a maioria da população, fortalecendo-os enquanto sujeitos de direitos, protagonistas sociais, enquanto cidadãos capazes de pensar e de recriar a realidade,” (Venzon, 2022, p. 69). Entendemos, junto à autora, com a colaboração de Harvey, a relevância dos sujeitos na constituição da cidade:

[...] a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipo de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilos de vida desejamos levar, quais os valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que o direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com os nossos mais profundos desejos (Harvey, 2012, p. 27 apud Venzon, 2022, p. 69).

Para a pesquisadora, é de suma importância a oferta de espaços urbanos para vivências infantis. Afirma que uma cidade se faz educadora para além da integração de uma rede com essa definição, mas nas ações cotidianas refletidas pelas políticas públicas e no respeito aos direitos e sobretudo na participação de todos os munícipes.

### **As crianças e as infâncias tratadas nos estudos**

Diante das sete pesquisas selecionadas, verificamos que quatro delas apresentam em seus títulos o uso da expressão *Infância*, uma delas utiliza *Infâncias*, outra traz *Crianças* e uma não faz menção a nenhuma dessas palavras. Para analisar qual o entendimento discutido pelas autoras sobre tais conceitos, resolvemos colocar uma lente nessas pesquisas para compreender seus usos e como a criança, quando aparece, é contemplada. Embora estejamos cientes do desafio em afirmar significados únicos e precisos para a infância e as crianças, pois o primeiro “[...] é um conceito instável, ambíguo, ambivalente e difícil de normatizar. Das crianças e suas vidas podemos dizer o mesmo” (Barbosa; Delgado; Tomás, 2016, p. 104).

Observamos que na pesquisa de Stimamiglio (2005), a qual traz no título *Infâncias*, o foco está em trazer reflexões nos cenários das infâncias vividas pelas pessoas de mais idade, na sua pluralidade e nos elementos constitutivos dessa diversidade, bem como em trazer uma análise da infância como construção social. Já na pesquisa de Cardoso (2017), que usa a palavra *Infância* no título, também existe a preocupação de abordá-la como construção social, sendo também os idosos os sujeitos da pesquisa. As pesquisas de Schmidt (2022) e Venzon (2022), trazem no título *Infância* enquanto categoria social. E, embora o trabalho de Paetzold (2006) não mencione Infância no título, também integra esse trio de trabalhos que discute a Infância no seu valor geracional com a ideia de uma criança no devir, defendendo uma relação com a cidade no seu potencial para ser educadora. Nesse contexto, as crianças são projetadas

com a preocupação do investimento nessa fase da vida para melhorias no seu desenvolvimento e ganhos futuros.

Teixeira (2019) traz no título *Crianças*, e embora a autora alargue o sentido abrigo sob a infância os adolescentes e os jovens, ela declara o impacto para sua pesquisa do encontro com a potência das crianças, na concepção de sujeitos sociais, descrevendo a participação delas no cotidiano do território urbano investigado. Em suma, pudemos observar, por esse grupo de trabalhos elencados, que as crianças e suas infâncias pouco protagonizam as pesquisas nas temáticas que se relacionam com a cidade.

### **Conclusões**

Conceituar a cidade como pequena é um dos grandes desafios encontrados no cenário urbano brasileiro. Para o IBGE, no que tange ao número de habitantes para classificá-la desse modo, há uma grande variação, tanto na quantidade de pessoas residentes, quanto na extensão territorial. Isso dificulta compreender as especificidades das realidades, pois apresenta um grande problema na hora de aprofundar os recortes para estudo. Com relação às pesquisas mais voltadas às especificidades das pequenas cidades, um exemplo vem do grupo Mikripoli, em que os autores Silveira, Faccin e Detoni (2024) apresentam uma recente possibilidade para a região Intermediária (Regint) de Santa Cruz do Sul - Lajeado/RS, visando construir uma “tipologia inicial” de pequenas cidades. Para isso, utilizam como critério agrupamentos de cidades com menos de 50 mil habitantes, buscando características semelhantes, particularidades e distinções entre esses espaços com o intuito de romper com as generalizações, baseadas nos dados demográficos.

As pequenas cidades e suas infâncias, na sua multipluralidade, não estão sendo contempladas nas pesquisas. Assim como as pequenas cidades ficam à sombra das metrópoles, as crianças, ainda que os estatutos lhes confirmem o legítimo lugar de sujeitos de direitos, ainda não aparecem como participantes ativos nas investigações sobre temáticas urbanas.

É possível perceber, nas poucas pesquisas encontradas sobre crianças, infâncias e cidades pequenas, importantes discussões sobre as singularidades desses contextos. Isso mostra que dar evidência a esses lugares, enfatizando que são diferentes de cidades grandes e metrópoles e também diferentes entre si, é um fecundo e proveitoso caminho, para nos apropriarmos dos diversos e ricos territórios brasileiros. Enquanto esse movimento não acontecer em maior proporção, correremos riscos de

as políticas públicas continuarem a ser elaboradas genericamente sem respeitar as especificidades desses lugares, dificultando perceber os ideais de pertencimento das pessoas, seus espaços educativos, suas experiências e memórias geracionais, bem como seus problemas. Visibilizar a existência das pequenas cidades é valorizar sua singularidade.

Para compreensão dos conceitos de crianças e infâncias, constatamos, nas sete pesquisas elencadas, um maior uso da palavra infância(s) em comparativo com a de criança(s) nos títulos dos trabalhos. No aprofundamento da leitura percebemos que a maioria dessas pesquisas não trouxeram as crianças como fontes empíricas; dentre as que evidenciaram a participação ativa dos sujeitos infantis, apenas uma aprofundou na apresentação de suas singularidades e no entendimento da criança como ator social (Corsaro, 2011), pois entendemos que “[...] é preciso tirar as crianças da condição de objetos para deixá-las advir como agentes de sua própria ação e discurso” (Barbosa, 2007, p. 1066). Essas percepções nos impulsionam a seguir buscando de que modo as pesquisas estão abordando esses conceitos nos estudos relacionados às cidades, objetivando compreender o quanto as crianças estão sendo, de fato, consideradas em suas perspectivas nessas investigações nas diversas áreas de conhecimento. Fica assim nosso desejo de, a partir de análises de outras pesquisas, tecer mais diálogos, reflexões e partilhas sobre as crianças e as infâncias nas pequenas cidades em suas especificidades.

## Referências

ARIÈS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1059–1083, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BARBOSA, M. C. S.; DELGADO, A. C. C.; TOMÁS, C. A. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos?. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103–122, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/36055>. Acesso em: 05 de mai. de 2024.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 12 mai. 2024.

CARDOSO, Carla da Luz Rodrigues. Um olhar no passado: memórias de infância em Tanguá. Dissertação (Mestrado) - PUC/RJ, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31753/31753.PDF>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CERQUEIRA, J. A. de. **As infâncias em Alegre (ES):** a circulação e o brincar de crianças em uma cidade pequena. 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância** [recurso eletrônico]. Tradução Lia Regius Reis. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ENDLICH, A. Na trilha conceitual e de definições das pequenas cidades. In: BOVO, M.C; COSTA, F.R. **Estudos Urbanos**. Campo Mourão. Editora Unespar, 2017. p. 33-53.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Geoaraguaia**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6981>. Acesso em: 13 jun. 2024.

HAESBAERT, Rogério. Prefácio 2. In: LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

HORN, Ticiania Elisabete. Pés descalços e tênis, carroça e carro, boneca de pano e computador, entre o rural e o urbano: experiências num entrecruzar de infâncias. Dissertação (Mestrado) - UFRGS/RS, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/29572>. Acesso em: 16 abr. 2024.

IBGE. **Cidades e Estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 mai. 2024.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 17 mai. 2024.

JUNIOR, Orlando Moreira. As cidades pequenas na geografia brasileira: a construção de uma agenda de pesquisa. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 35, p. 19-33, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/75435>. Acesso em: 02 jun. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 22, n. 49/1, p. 283–294, 2013. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915>. Acesso em: 16 abr. 2024.

PAETZOLD, Ophelia Sunpta Buzatto. Educação e cidadania na perspectiva da cidade educadora: uma proposta para Frederico Westphalen. Dissertação (Mestrado) - Unisinos/RS, 2006. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1890>. Acesso em: 20 abr. 2024.

POSCA, Luís Müller. Cidades Planejadas e Imaginários: contrastes entre o planejamento urbano com a tríade cidade vista, marcada e imaginada. **Textos e Debates**, Boa Vista, Vol. 28 (*on line*), n. 01, p. e7937, Jan/Jun 2022. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/view/7937>. Acesso em: 30 mai. 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2 ed. São Paulo, Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo** – Globalização e meio técnico científico-informacional. São Paulo: Edusp. 2008a. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4694671&forceview=1>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTOS, Milton. O lugar: encontrando o futuro. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, [S. l.], n. 6, 2008b. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3113>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: M. Sarmiento & M. C. S Gouvea (org). **Estudos da Infância**: Educação e Práticas Sociais. Petropolis: Editora Vozes. 2009. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância e cidade**: restrições e possibilidades. Educação, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 232–240, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/31317>. Acesso em: 06 mai. 2024.

SCHMIDT, Adriane da Silva. Educação Infantil: práticas inovadoras na contemporaneidade - o direito à cidade com olhares potencializadores da cidadania na infância. Dissertação (Mestrado) - UNINTER, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/1407>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima; FACCIN, Carolina Rezende; DETONI, Luana Pavan. Pequenas cidades, rede urbana e desenvolvimento regional na região intermediária de Santa Cruz do Sul - Lajeado. In: FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli [et al]. **Reflexões geográficas sobre as pequenas cidades brasileiras** [livro eletrônico]. 1 ed. Maringá, PR. Perfil Editora, 2024. PDF.

STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda. Lembranças de infâncias: narrativas entrelaçando espaços-tempos na cidade de Antônio Prado. Dissertação (Mestrado) - UFRGS/RS, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8938>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TEIXEIRA, Fládiane Nunes. Nas pegadas das crianças: uma etnografia pelo bairro Vencato, Jaguarão/RS. Dissertação (Mestrado) - UFPEL/RS, 2019. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5534>. Acesso em: 18 abr. 2024.

UNICEF. **Crianças em um mundo urbano**: situação mundial da infância 2012. New York: Unicef, 2012. Disponível em: [https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos\\_restritos/files/migrados/File/publi/unicef\\_sowc/sit\\_mund\\_inf\\_2012\\_mundourbano.pdf](https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/publi/unicef_sowc/sit_mund_inf_2012_mundourbano.pdf). Acesso em: 10 mai. 2024.

VENZON, Juliana. Primeira infância melhor: inter-locações com os princípios de uma cidade educadora. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo/RS, 2022. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2322>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

#### **Como citar este artigo:**

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; KIRCHHEIM, Vânia Aparecida de Lima Borges; HENRIQUES, Elaine Regina Alegre. Crianças, infâncias e pequenas cidades: o que dizem as pesquisas? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025. ISSN 2238-1279. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11512>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

**Financiamento:** O estudo não recebeu financiamento.

**Contribuições individuais:** Conceituação, Metodologia, Recursos, Software, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação e escrita – Primeira Redação: Maria Carmen Silveira Barbosa. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação e escrita – Revisão e Edição: Vânia Aparecida de Lima Borges Kirchheim. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação e escrita – Revisão e Edição: Elaine Regina Alegre Henriques.

**Declaração de uso de Inteligência Artificial:** Os autores declaram não ter utilizado recursos de Inteligência Artificial na elaboração do manuscrito e assumem integral responsabilidade pelo conteúdo publicado.

**Revisores:** Rosiana Kist (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT)

#### **Sobre as autoras:**

MARIA CARMEN SILVEIRA BARBOSA é Doutora em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora no PPGEDU na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Linha de Pesquisa Estudos sobre Infâncias. Participante do GEIN.

VÂNIA APARECIDA DE LIMA BORGES KIRCHHEIM 2 é Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participante do GEIN.

ELAINE REGINA ALEGRE HENRIQUES é Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participante do GEIN.

Recebido em 31 de outubro de 2024  
Versão corrigida recebida em 11 de março de 2025  
Aprovado em 21 de agosto de 2025